

Artigos

I - O QUE É ESCREVER

Por: Ezequias da Costa Queiroz

Aluno do Curso de Letras/UNIR

Escrever. Escrevinhar; escrevedura. Idéias e mais idéias. Erupção de pensar para depois implodir. É. Parece que não é uma problemática só da contemporaneidade. É coisa antiga a distância entre a escrita e a fala, sem ser metafórico. É um fardo hereditário que vem de geração em geração, transferindo, instintivamente, a ideografia (registro gráfico da idéia) aos que "têm dom para isto", o que constitui-se numa covarde defesa implícita da oralidade como recurso único no processo de comunicação; um afastamento "ipsis litteris" da História. Grafar as idéias que pontilham na mente, na imaginação fértil de muitos que anseiam registrar suas emoções, sentimentos, sem a intermediação nem sempre oportuna de um intérprete, não tem sido algo que encontre refúgio fácil no intelecto, para reprodução e desenvolvimento; é um martírio "traduzir" o pensamento em traços gráficos; apontar a caneta para um pedaço de papel, para a maioria, é estressante, um castigo, pior, quem sabe, do que a expectativa de um réu ante a sequiosidade do corpo de jurado antes do resultado da sentença acusatória - condenação ou absolvição -: de cara, é tomado de assalto pela inferioridade letrada, ou seja, está sempre pensando que aquilo que está escrevendo ninguém possa ler, com receio da impiedosa correção gramatical de alguém "mais instruído". É a censura prévia maltratando e dilapidando o ato criador, culminando, destarte, com a submissão e o atrofiamento intelectual de tantos talentos. Mas, por que isto acontece?

O drama é mais ideológico do que educacional. Intencional politicamente, diríamos, para melhor enfatizar. Começa no seio das instituições governamentais, tendo de permeio os meios de comunicação (a televisão na liderança), atravessa o pântano lodoso da má vontade dos governantes e esbarra no desfavorecimento das condições sociais, econômicas e culturais - e políticas - do povão, este nem sempre atento às limitações da legislação unilateral, tacanha, mesquinha (que só interessa ao legislador e aos detentores dos meios de produção). Quer dizer, há uma irresponsável transferência da condução da História, como se os desprovidos das benesses do Poder não reunissem condições de serem agentes do próprio destino. Irremediavelmente, aí se instala o desânimo popular, erigindo o mito do escritor como a única pessoa capaz de perpetuar o pensamento através da escrita.

Ninguém se dá conta de que em cada ser humano reside um escritor adormecido, que nós mesmos fomos, gradativamente, por um outro motivo, inumando-o em função da mecanicidade que a corrida pela sobrevivência impôs ao homem moderno.

Escrever, também, passou a incorporar, para os de pouca "identidade" ideográfica, estereótipos como: "isto é coisa de velho", "de que não tem o que fazer", etc, inadimplindo frontalmente a cadeia de comunicação (emissor, código, receptor; mensagem, etc.).

Alguns desdobramentos

Se o gosto pela escrita é coisa rara, enfadonha, isto deve-se primeiro à Família, a qual, na maioria das circunstâncias, julga-se incompetente para dar apoio ao incipiente escritor, e a escola termina sendo o desaguadouro deste pingue-pongue desairoso, e dela é cobrado, com veemência, eficiência e cumprimento dos seus postulados básicos: ensinar a ler e a escrever, nem sempre correspondendo ao que dela (escola) se espera - uma falha cultural. E institucional.

Escrever tem sido uma pedra no sapato para muita gente, porque quem não gosta de escrever é porque nunca "aprendeu" a escrever, nunca cultivou o hábito. Tornou-se um escrevinhador, um escriba às avessas, um escriturador, relegando a escrita a algo sem proveito, para encher tempo. Para "escritores" assim, escrever sempre será um tédio, tido como uma imposição que transcende a sua capacidade (que absurdo!). Escrever, visto por essa ótica estreita e negligente, jamais será encarado como uma releitura de uma realidade (fantasiosa ou não) de analisar, de recriar e possibilitar descobertas.

Escrever é uma questão de vida, de sobrevivência.

Sem a escrita não há desenvolvimento.

II - A RECORRÊNCIA DO NATURALISMO NA LITERATURA BRASILEIRA

Por: Sonia Maria Gomes Sampaio
Professora do Curso de Letras/UNIR

Entre o final do Século XVIII e início do XIX o mundo passava por grandes transformações como o desenvolvimento da ciência com sua forma biológica da evolução e da ligação do homem à natureza, as reformas políticas e a literatura que agora revela as novas tendências realistas com Stendhal e Flaubert entre outros, a teoria de Taine sobre o ambientalismo na interpretação das origens da arte. Estava assim criado o clima para a nova tendência literária: O Naturalismo, que traz consigo uma visão científica e social do homem em relação como o meio e com a herança.

O naturalismo e seus autores são abordados por vezes de diferentes maneiras pelos críticos literários e também são objetos de estudo de outros, como é o caso de "Tal Brasil, Qual Romance?", onde Flora Sussekind faz um estudo sobre a recorrência do Naturalismo na literatura brasileira.

Partindo do nome do livro de Flora Sussekind; "Tal Brasil, Qual Romance?", poderíamos indagar e por que não Tal Brasil, Tal Romance? A resposta então seria também uma pergunta: É só um Brasil? É só um tipo de romance? Não. O título do livro de Flora Sussekind já deixa perceber que o Naturalismo não será somente marcado pela semelhança, continuidade e repetição consistindo assim na busca da identidade